



A HISTÓRIA DO ATLETISMO COMO UM SABER NECESSÁRIO ÀS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: APROFUNDANDO NO ESTUDO DAS CORRIDAS COM BARREIRAS

Ivan Luis dos Santos

Universidade Cruzeiro do Sul – Brasil

Sara Quenzer Matthiesen

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Brasil

Resumo: O objetivo deste estudo de caráter bibliográfico foi o de investigar as alterações pelas quais as corridas com barreiras passaram ao longo dos anos, visando reunir elementos capazes de contribuir para o trabalho do professor. Analisando as fontes documentais provenientes de livros, artigos, imagens e *websites*, verificou-se que as corridas com barreiras constituem-se como um grupo de provas relativamente novo do atletismo, e que seus fatos históricos podem ser trabalhados como conteúdos procedimentais, conceituais e atitudinais em aulas de Educação Física.

Palavras-chave: corridas com barreiras; atletismo; conteúdos.

INTRODUÇÃO

Apesar de ser um dos esportes mais tradicionais no campo esportivo, o atletismo no Brasil demonstra, por meio de sua história, marcas da indiferença/negligência das escolas em relação ao seu ensino e a sua difusão enquanto manifestação cultural da sociedade.

Em outras palavras, diríamos que, embora seja considerado como um dos conteúdos clássicos da Educação Física, paradoxalmente, o atletismo é praticamente esquecido nas instituições de ensino formal. Muitos são os fatores utilizados como argumento para o não ensino do atletismo na escola, como a falta de espaço adequado, a falta de materiais específicos e por tratar-se de um esporte com características essencialmente individuais, passível de causar desinteresse por parte de alguns alunos (CALVO, 2005).

Enfim, o que vemos pelo Brasil afora é um ensino do atletismo marcado pela falta de sistematização em seu desenvolvimento, repercutindo num aprendizado sem aprofundamentos. Além disso, como apontou Matthiesen (2005), sua imagem

aparece fortemente vinculada àquela transmitida pela mídia, que o restringe ao esporte profissional, constituído por poucos e bem-dotados campeões.

Se não bastasse o descaso sofrido pelo atletismo, sobretudo no que diz respeito à sua prática no âmbito escolar, notamos que existem outros obstáculos que dificultam sua difusão. Por exemplo, de acordo com Matthiesen (2005), as publicações no meio acadêmico sobre o atletismo se concentram, em sua maioria, nas décadas de 1970 e 1980 e contemplam, principalmente, perspectivas técnicas e de treinamento, excluindo os aspectos didático-pedagógicos e educacionais. Além do mais, a falta de documentos e registros sobre o assunto faz com que se perca muito da história real desse esporte, provocando uma lacuna muito grande e difícil de ser preenchida.

Assim, quando muitos professores optam por trabalhar as provas atléticas dentro de suas aulas, eles acabam focando o ensino da técnica ou a iniciação dos procedimentos da prova. Nesses termos, o movimento corporal humano, enquanto objeto de estudo da Educação Física, fica restrito a um caráter eminentemente prático-biológico e, ao contrário do que sugere Castellani (1988), deixa de ser compreendido conjuntamente ao movimento social, ou melhor, como um fato de cultura.

No transcorrer da história, as concepções de Educação Física escolar evoluíram de acordo com o momento social e cultural brasileiro, sendo que seus objetivos foram se modificando ao longo do último século (DARIDO; SANCHEZ NETO, 2005). Atualmente, enquanto componente curricular obrigatório da educação básica, seu papel é introduzir e integrar os alunos na cultura corporal, formando cidadãos que irão usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as manifestações que caracterizam essa área, como o jogo, o esporte, a dança, a ginástica e a luta (BRASIL, 1998).

Conforme Daólio (2004), a cultura corporal é o principal conceito para a Educação Física, porque toda a produção humana vinculada às práticas corporais e suas representações simbólicas são geradas na dinâmica cultural.

Buscando garantir um ensino de qualidade, os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) propõem para as aulas de Educação Física não só a diversificação dos conteúdos, como também seu aprofundamento a partir dos diferentes aspectos que compõem suas significações: conceitos, procedimentos e atitudes. Tal classificação envolve as seguintes questões: “o que se deve saber?” (dimensão conceitual), “o que se deve saber fazer?” (dimensão procedimental) e “como se deve ser?” (dimensão atitudinal), com a finalidade de alcançar os objetivos educacionais (ZABALA, 1998).

Esse enfoque, certamente, amplia a tão comum dimensão procedimental, isto é, o *saber fazer*, tão valorizado ao longo dos tempos em aulas de Educação Física, cedendo espaço ao *saber sobre a cultura corporal* e a como se relacionar com ela.

Assim, como um dos conteúdos da Educação Física escolar, o atletismo também deve passar por esse processo. No entanto, costumeiramente, o que se nota é uma valorização dos procedimentos – leia-se técnica – que dele fazem parte, em detrimento de outros elementos que também deveriam ser trabalhados pelos profissionais da área.

Tal constatação pode ser exemplificada a partir do trabalho de Calvo (2005), desenvolvido com universitários, participantes da disciplina de “Fundamentos de atletismo” de um curso de Educação Física em uma Universidade pública. De acordo com o autor, em consequência, sobretudo, das características das aulas às quais foram submetidos durante o período de escolarização básica, esses universitários interpretam o atletismo como um esporte totalmente técnico e que exige somente esforço quantitativo. Deixam, dessa maneira, de reconhecer o atletismo como um elemento da cultura, como uma prática social resultante de uma construção histórica que, dada a significância com que marca a sua presença no mundo contemporâneo, caracteriza-se como um dos mais relevantes fenômenos da humanidade.

Kunz (2004), por exemplo, propôs uma transformação didático-pedagógica dos esportes, rumo a uma realidade educacional potencializadora, capaz de romper com o reducionismo pedagógico, bem como com as formalizações e as automatizações tão comuns na Educação Física escolar. Referindo-se ao atletismo, o autor enfatiza que:

[...] vale para o professor oportunizar experiências práticas do correr, saltar, lançar ou arremessar. Isto não tem a nada a ver com o ensino técnico destes elementos na forma requerida em competição de atletismo. Não se perde, no entanto, a atração e o estímulo na realização prática dessas atividades. Porém, a compreensão do sentido e descoberta de novos sentidos no esporte não pode ser alcançado pelo simples “fazer”, ou pela experiência prática dessa atividade. Deve ser oportunizada a reflexão e o diálogo sobre estas práticas para conduzir a uma verdadeira superação do ensino tradicional pelas destrezas técnicas (KUNZ, 2004, p. 122).

Assim, ao tratar o atletismo na escola, faz-se necessário ir além de ensinar aos alunos a técnica dos movimentos, as habilidades básicas ou mesmo as capacidades físicas, mas abordar a sua presença na cultura, suas transformações ao longo da história, suas dificuldades de “popularização”, a mitificação dos atletas, os grandes nomes do passado.

Não se trata de negar a prática. Não se trata de transformar a Educação Física em mero discurso sobre a cultura corporal, conforme aponta Betti (1994). Mas sim de desenvolver uma ação pedagógica que ultrapasse a ideia de estar voltada apenas para o ensino do gesto motor correto. Muito mais que isso, cabe ao professor de Educação Física problematizar, interpretar, relacionar com seus alunos as amplas

manifestações da cultura corporal, de tal forma que eles compreendam os sentidos e significados impregnados nas práticas corporais, a exemplo do que fez Freitas (2009) em relação à prova do salto com vara.

Todavia, se as referências bibliográficas voltadas ao ensino da história do atletismo são restritas e, praticamente, desconhecidas, como se pode exigir que o professor trabalhe com a história do atletismo em aulas de Educação Física? Considerando que publicações recentes no campo da Educação Física Escolar brasileira (DARIDO, 2005; SÃO PAULO, 2008) alertam para a importância do conhecimento histórico enquanto conteúdo das aulas, o objetivo deste estudo foi o de investigar as alterações pelas quais as corridas com barreiras passaram ao longo dos anos, visando reunir elementos capazes de contribuir para o trabalho do professor.

METODOLOGIA

Esta pesquisa de caráter bibliográfico teve como base as fontes documentais cujo acesso ao tema deu-se “a partir de referências teóricas publicadas em documentos” (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 65). Nesse sentido, concentrou-se na coleta de dados provenientes de livros, artigos, imagens e *websites* relacionados à história das corridas com barreiras, desde sua origem na Inglaterra em meados do século XIX, perpassando por todas as modificações técnicas, estilísticas e normativas, até os dias atuais. Assim, considerando que uma pesquisa bibliográfica visa “conhecer e analisar as contribuições culturais e/ou científicas do passado existentes sobre um determinado assunto, tema ou problema” (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 65), esta pesquisa buscou aprofundar os estudos sobre as corridas com barreiras, a fim de reunir elementos que possam contribuir para a difusão desse conhecimento, especialmente em aulas de Educação Física.

O ATLETISMO NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA: APROFUNDANDO NO ESTUDO DAS CORRIDAS COM BARREIRAS

A reconstrução intelectual dos fatos históricos possibilita ao homem uma melhor compreensão de sua inserção no presente. De acordo com Borges (1991), sem essa relação temporal, o conhecimento histórico seria um peso inútil. Sob a mesma linha de raciocínio, Thompson (1998) entende que o conhecimento histórico deve ter relações com as questões contemporâneas, e indica que a compreensão do passado encontra sua finalidade social estando ligada a questões do tempo presente.

Na Educação Física, de acordo com Betti (1996), as propostas de “cientificação” da área, que tiveram início na década de 1960 e que se estendem até os dias atuais, revelam uma constante fragmentação e especialização dos conhecimentos produzidos.

Esse quadro conduz a um crescente distanciamento entre a produção científica e a prática pedagógica.

Assim, ao se propor a investigar a história das corridas com barreiras, esta pesquisa também almeja aproximar e relacionar o passado e o presente, tal como mencionado por Borges (1991) e Thompson (1998), bem como romper com o processo de fragmentação e especialização dos conhecimentos produzidos na Educação Física, conforme assinalado por Betti (1996).

Ao longo desta investigação histórica em torno das corridas com barreiras, descobriu-se que essas provas constituem especialidades relativamente novas do atletismo, se comparadas a outras, como as corridas rasas, o lançamento do disco, o lançamento do dardo e o salto em distância, os quais eram praticados na antiga Grécia, vários séculos antes da nossa era (FERNANDES, 1979).

Ainda que não se saiba ao certo a origem das corridas com barreiras, ao que consta, seu surgimento deu-se a partir das corridas com obstáculos cujo início é do princípio do século XIX, na Universidade de Oxford, na Inglaterra.

Naquela época, o *steeple-chase* (corridas com transposição de obstáculos sobre cavalos) era bastante popular entre os estudantes ingleses. Conta a história que Halifax Wyatt, um jovem estudante do colégio de D'Exeter, após ter participado de uma prova hípica, decidiu correr o percurso a pé, no mesmo local onde até então só havia estado sobre o cavalo. A ideia de correr transpondo obstáculos contagiou muitos universitários britânicos daquela época e alguns dias mais tarde (1850), perto de Oxford, no campo de Binsley, foi realizado o primeiro grande evento de "Steeple-chase pedestre". Várias corridas foram realizadas, mas a principal, na distância de duas milhas, compreendia 24 obstáculos, num traçado constituído de campos quase impraticáveis, inundados de lama e muito semelhantes aos que normalmente eram, de fato, destinados às corridas de cavalos, conforme descrito em *O Mundo da Corrida* (2012):

Trajando sapatos de *cricket* e calças de flanela pelo joelho, os competidores tinham, certamente, muitas dúvidas quanto ao desenrolar da inédita competição. Os obstáculos utilizados no percurso provinham de cercas de madeira, comumente usadas em criações de gado e mediam, aproximadamente, três pés e meio (1,06 metro) de altura, a qual, curiosamente, se mantém até hoje na prova de 110 metros com barreiras.

Baseadas nas ideias das corridas com obstáculos, as corridas com barreiras também começaram a ser disputadas na Inglaterra e, inicialmente, diferenciavam-se das provas com obstáculos pelo fato de possuírem distâncias mais curtas (FERNANDES, 1979).

Têm-se registros de que as primeiras corridas com barreiras tinham uma distância de 100 jardas (91,44 metros); porém, o número de barreiras, bem como a altura das mesmas, variavam bastante de acordo com o local onde as provas eram disputadas. Somente em 1888 a França padronizou essa prova, homologando os 110 metros num percurso formado por 10 barreiras, medindo 1,067 metro cada uma. No entanto, muitos países, como a Alemanha, por exemplo, permaneceram disputando essa prova do atletismo em distâncias diferenciadas até 1907 (O MUNDO DA CORRIDA, 2012).

Na história dos Jogos Olímpicos, os 110 metros com barreiras é disputado desde os Jogos de 1896, na Grécia. A prova entrou no programa olímpico por causa da insistência dos norte-americanos, seus grandes dominadores naquela época. Não à toa, o norte-americano Thomas Curtis sagrou-se como o primeiro campeão olímpico dos 110 metros com barreiras (LANCELLOTTI, 1996).

Ao longo dos Jogos Olímpicos, essa prova também registrou alguns fatos interessantes. Como exemplo, podemos citar a final dos 110 metros com barreiras, em Los Angeles (1932), que propiciou uma cena de muito cavalheirismo e desportividade, digna de ser lembrada. Conta Lancellotti (1996) que, durante a cerimônia de premiação desta prova, o americano Jack Keller recebeu a medalha de bronze. Entretanto, após algumas horas, a comissão de arbitragem, ao rever as imagens, decidiu que fora o inglês Donald Finlay, e não Keller, o terceiro classificado. Não tardou para que Keller, educadamente, procurasse seu adversário na vila olímpica e lhe entregasse a medalha que lhe pertencia.

Já a primeira corrida de 440 jardas (402,33 metros) com barreiras da qual se tem notícia foi disputada em 1860, também na Universidade de Oxford, Inglaterra. Naquele tempo, enquanto percorriam essa distância, os participantes tinham que superar 12 barreiras com aproximadamente 1,0 metro de altura cada (O MUNDO DA CORRIDA, 2012).

Depois de algumas décadas de confusão (440 jardas ou 400 metros), decidiu-se unificar a distância da prova, tendo como marco os Jogos Olímpicos de Paris (1900), quando os 400 metros com barreiras fez sua estreia, contando com apenas cinco competidores (LANCELLOTTI, 1996).

Nos Jogos Olímpicos de St. Louis, em 1904, as barreiras da prova de 400 metros (masculino), com apenas 0,759 metro, ainda ostentavam uma medida bem inferior à oficial atual (0,914 metro). Harry Hillman, um bancário sem estudo, marcou o novo recorde mundial, mas não teve seu tempo homologado pelo fato de ter derrubado uma das barreiras ao transpô-la (LANCELLOTTI, 1996). Nos dias atuais, derrubar uma barreira – dentre as 10 postadas no percurso –, desde que não deliberadamente, não elimina o tempo obtido pelo atleta nem o desclassifica da prova (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, 2012a).

Até por volta de 1866, as barreiras eram fixas no chão e, algumas vezes, coletivas, tomando a largura de toda a pista. Nessas condições, muitos corredores, ao esbarrar nelas, tinham sérias contusões (FERNANDES, 1979). Além disso, as formas de transposição usadas inicialmente eram as mais diversas.

Algum tempo depois, as barreiras passaram a ser individuais, tendo o formato de um cavalete maciço. Com a base em “T”, esse tipo de barreira também se constituía num perigo para aqueles que o tocasse. De acordo com Fernandes (1979), os atletas que tocavam nas barreiras durante o percurso terminavam a prova com várias partes de seus corpos ensanguentadas.

Buscando-se reduzir o número de acidentes, a partir de 1930 foram instituídas barreiras com uma construção mais leve, que possibilitavam ser derrubadas com facilidade quando tocadas. Além disso, a base dessas barreiras também foi alterada, passando de um formato em “T” para um formato em “L”. Esse novo tipo de barreira contribuiu notavelmente para o progresso dessas provas, pois os atletas passaram a correr com maior confiança e, conseqüentemente, maior velocidade (FERNANDES, 1979).

Assim, a partir de pequenas e simples modificações, as barreiras passaram a ter uma forma definitiva até se chegar às utilizadas na atualidade.

Paralelamente às modificações por que passaram as barreiras, a técnica utilizada para se fazer a transposição também passou por um processo de transformação. De tempos em tempos, novos atletas foram aparecendo nessa especialidade, apresentando seu estilo próprio e revolucionando os conceitos existentes na época. Fernandes (1979) menciona algumas características individuais mais marcantes neste tipo de corrida:

1886 – Arthur Croome – Universidade de Oxford: criou o estilo de atacar a barreira com a perna esticada.

1898 – Alvin Kraenzlein – Universidade de Pensilvânia: corria com muita velocidade, transpondo a barreira com a perna de ataque totalmente estendida, sendo o primeiro atleta a adotar o “ritmo das três passadas” entre as barreiras para as provas de 110 metros.

1920 – Earl Thonson – Canadense que fazia uso de uma inclinação acentuada do tronco para frente, acompanhado por ambos os braços que se mantinham estendidos na mesma direção do tronco durante todo o tempo de ação da passagem sobre a barreira.

A aparição feminina nas corridas com barreiras se deu em meados de 1920 em alguns países da Europa, a partir de provas que se constituíam em torno de diferentes distâncias, número e altura de barreiras. Em 1932, nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, foi disputada, pela primeira vez, a prova de 80 metros com barreiras para mulheres. Anos mais tarde, mais especificamente em 1972, nos Jogos Olímpicos de

Munique, os 80 metros com barreiras foram, definitivamente, substituídos pelos 100 metros com barreiras para mulheres. Já os 400 metros com barreiras feminino é uma prova ainda mais recente no programa olímpico, disputado pela primeira vez nos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1984 (LANCELLOTTI, 1996).

Nos dias atuais, dentre as mulheres, a búlgara Yordanka Donkova detém o recorde mundial e o olímpico dos 100 metros com barreiras, com o tempo de 12s21. Nos 400 metros com barreiras feminino, a melhor marca mundial é da russa Yuliya Pechonkina, que registrou o tempo de 52s34, enquanto o recorde olímpico dessa mesma prova pertence à jamaicana Melaine Walker, que alcançou o tempo de 52s64 (INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ATHLETICS FEDERATIONS, 2012).

Dentre os homens, o americano Aries Merritt e o chinês Liu Xiang possuem, respectivamente, os atuais recordes mundial e olímpico dos 110 metros com barreiras, com os tempos de 12s80 e 12s91. Nos 400 metros com barreiras masculino, as melhores marcas mundial e olímpica são do americano Kevin Young, com o tempo de 46s78 (INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ATHLETICS FEDERATIONS, 2012).

No Brasil, a prática do atletismo aparece como forma recreativa desde meados do século XIX, sobretudo como manifestação típica de clubes esportivos nos estados do Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e São Paulo. No entanto, as primeiras provas de corridas com barreiras de que se têm notícia datam de 1914, quando foram disputadas nas distâncias de 110 e 400 metros, durante a realização do “Campeonato do Atleta Completo”, evento promovido pelo jornal *O Estado de S. Paulo* (A HISTÓRIA, 2011).

De acordo com o site da Confederação Brasileira de Atletismo (2012b), José A. Santos Silva foi o primeiro recordista brasileiro dos 110 e 400 metros com barreiras, com as marcas de 16s40 e 59s, respectivamente, alcançadas durante o I Campeonato Brasileiro de Atletismo, em 1925. Com o passar dos anos, outros nomes foram surgindo; dentre eles, podemos destacar: Silvio de Magalhães Padilha, campeão sul-americano dos 110 e 400 metros com barreiras, em 1932, e primeiro atleta brasileiro a alcançar uma final de Jogos Olímpicos em Berlim, 1936, na prova dos 400 metros com barreiras; Eronilde Nunes de Araújo, finalista nas provas dos 400 metros com barreiras nos Jogos Olímpicos de Atlanta, 1996, e Sydney, 2000; Wanda dos Santos, inúmeras vezes campeã e recordista sul-americana dos 80 metros com barreiras e primeira finalista olímpica brasileira dessa mesma prova em Helsinque, 1952.

Atualmente, Redelem Melo dos Santos e Eronilde Nunes de Araújo são os atuais recordistas brasileiros das provas de 110 e 400 metros com barreiras masculino, respectivamente, com as marcas de 13s29 e 48s04. Entre as mulheres, Maurren Higa Maggi nos 100 metros, e Lucimar Teodoro nos 400 metros são as atuais detentoras

dos recordes brasileiro/sul-americano das provas com barreiras, com as marcas de 12s71 e 55s84 (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO, 2012c).

O ENSINO DAS CORRIDAS COM BARREIRAS: A HISTÓRIA ENQUANTO CONTEÚDO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Considerando os registros apresentados, é possível constatar diferentes aspectos que compõem as corridas com barreiras e suas significações histórico-culturais, que se engendraram ao longo do tempo. Assim sendo, as particularidades técnicas e estilísticas, os aprimoramentos tecnológicos (das barreiras, das pistas e das vestimentas), a evolução dos recordes, as adequações e padronizações de regras ora apresentados constituem-se como importantes conteúdos a serem abordados em aulas de Educação Física.

Com base nas orientações que sugerem pensar nos conteúdos da Educação Física em suas três dimensões (BRASIL, 1998; DARIDO, 2005), as corridas com barreiras podem ser ensinadas a partir de atividades que reconstruam, conjuntamente com os alunos, os principais fatos históricos deste grupo de provas do atletismo, desde seu surgimento, no início do século XIX, até chegarmos àquilo que hoje se reconhece como um fenômeno esportivo globalizado.

Nesta perspectiva, por meio da experimentação, análise e reflexão dos fatos e práticas corporais implicados nas corridas com barreiras, as aulas de Educação Física tornam-se espaços privilegiados de acesso ao patrimônio da cultura corporal historicamente acumulado. De acordo com Neira (2007), sendo a escola o espaço determinado para a socialização do patrimônio cultural acumulado, entende-se como função social da Educação Física escolar proporcionar aos alunos das diferentes etapas de escolarização uma reflexão pedagógica sobre o acervo das formas de representação simbólica de diferentes realidades vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas.

Assim, por exemplo, ao tematizar a transposição das barreiras, o professor poderá ofertar aos alunos a possibilidade de vivências dos diferentes estilos técnicos, contextualizando-os aos seus respectivos idealizadores e momentos histórico-sociais, tais como: a “instituição da perna de ataque”, proposta por atleta Arthur Croome em 1886; o “ritmo das três passadas”, de Alvin Kraenzlein, em 1898; a “inclinação do tronco” e o “movimento de braços colocados”, por Earl Thonson, em 1920. Além disso, as atividades de ensino deverão ser permeadas pela leitura da gestualidade característica dessas manifestações corporais, visando promover a interação coletiva, a reorganização, a discussão de outras possibilidades e a interpretação de cada uma das ações observadas.

O professor poderá, ainda, programar trabalhos de pesquisa que permitam aos alunos desvelar quem foram os atletas do passado, suas histórias de vida e legados, o papel das federações e confederações na organização das provas, as principais competições nacionais e internacionais, o papel das tecnologias e da mídia na difusão das corridas com barreiras, as relações éticas que circulam no esporte. Em relação a este último aspecto, a título de exemplo, caberia indagar: como os alunos se colocariam diante da cena de cavalheirismo e desportividade propiciada por Jack Keller durante os Jogos Olímpicos de Los Angeles, em 1932, ao entregar sua medalha de bronze a Donald Finlay, após ter recebido a notícia de que havia ocorrido um erro no resultado da prova final dos 110 metros com barreiras?

É importante dizer que, na prática docente, não há como dividir os conteúdos na dimensão conceitual, procedimental e atitudinal, embora uma ou outra possa ser enfatizada em determinados momentos de uma aula. De acordo com Darido (2005), o mais importante é que as aulas de Educação Física ultrapassem a ideia única de estarem voltadas apenas para o ensino do gesto motor correto. Muito mais que isso, “é necessário que o aluno tenha garantido o direito de saber por que está realizando esse ou aquele movimento e, ainda, quais atitudes devem ter nas e para as atividades corporais” (DARIDO, 2005, p. 66).

Assim, a partir das ideias aqui discutidas, espera-se que as corridas com barreiras possam integrar as aulas de Educação Física com base em encaminhamentos pedagógicos que assegurem sua transmissão de uma forma mais completa e contextualizada, despertando no aluno um maior interesse pela aprendizagem. Espera-se, também, que novos trabalhos possam surgir no âmbito do atletismo e das demais manifestações culturais esportivas, contemplando os saberes históricos, tão necessários ao ensino da Educação Física na escola.

THE HISTORY OF THE ATHLETICS AS A NECESSARY KNOWLEDGE TO THE CLASSES OF PHYSICAL EDUCATION: DEEPENING IN THE STUDY OF THE HURDLE RACES

Abstract: The aim of this bibliographical study was to investigate the alterations of hurdles races through the years, gathering elements able to contribute to the teacher job. Analysing the documental sources proceed by books, articles, images and websites, was checked out that hurdles races are built up as a new group of tests from the athletics and that its historical facts can be worked as procedure, conceptual and attitudinal contents in Physical Education classes.

Keywords: hurdle races; athletics; contents.

REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA do atletismo brasileiro. **A História**. Disponível em: <<http://www.ahistoria.com.br/atletismo-brasileiro>>. Acesso em: 28 jun. 2011.

BETTI, M. Valores e finalidades na educação física escolar: uma concepção sistêmica. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 16, n. 1, p. 14-21, 1994.

BETTI, M. Por uma teoria da prática. **Motus Corporis**, Rio de Janeiro, v. 3, p. 73-127, 1996.

BORGES, V. P. **O que é história**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Área: Educação Física; Terceiro e Quarto Ciclos do Ensino Fundamental**. Brasília, 1998.

CALVO, A. P. O. **Atletismo como conteúdo da educação física escolar: estudo realizado com universitários da Unesp – Rio Claro**. 2005. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física)–Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2005.

CASTELLANI, L. F. **Diretrizes gerais para o ensino de 2º grau – núcleo comum – Educação Física**. São Paulo: Projeto Sesc/MEC-PUC/SP, 1988.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2002.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO – CBAAt. **Atletismo: regras oficiais de competição**. São Paulo: Phorte, 2012a.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO – CBAAt. **Histórico das provas – Masculino**. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/provas/historico_masculino.asp>. Acesso em: 9 jan. 2012b.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ATLETISMO – CBAAt. **Recordes brasileiros**. Disponível em: <http://www.cbat.org.br/estatisticas/recordes/recordes_quadro.asp?id=10>. Acesso em: 9 jan. 2012c.

DAÓLIO, J. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

DARIDO, S. C. Os conteúdos da educação física na escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 64-79.

DARIDO, S. C.; SANCHEZ NETO, L. O contexto da Educação Física na escola. In: DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. p. 1-23.

FERNANDES, J. L. **Atletismo**: corridas. São Paulo: EPU, 1979.

FREITAS, F. P. R. **O salto com vara na escola**: subsídios para o seu ensino a partir de uma perspectiva histórica. 2009. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade Humana)–Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2009.

INTERNATIONAL ASSOCIATION OF ATHLETICS FEDERATIONS – IAAF. Records & Lists. Disponível em: <<http://www.iaaf.org/records/toplists/sprints>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 2004.

LANCELLOTTI, S. **Olimpíadas 100 anos**. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

MATTHIESEN, S. Q. (Org.). **Atletismo se aprende na escola**. Jundiaí: Fontoura, 2005.

NEIRA, M. G. **Ensino de educação física**. São Paulo: Thomson Learning, 2007.

O MUNDO DA CORRIDA. As corridas de barreiras. Disponível em: <<http://www.omundodacorrída.com/acorridadebarreiras.htm>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

SÃO PAULO. Secretaria Estadual de Educação. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo**: Educação Física. São Paulo: SEE, 2008.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. História oral. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Contato

Ivan Luis dos Santos

E-mail: ivan.santos@cruzeirosul.edu.br

Tramitação

Recebido em 22 de fevereiro de 2012

Aceito em 14 de fevereiro de 2013